

1 VIVÊNCIAS QUE CURAM: a arte de formar professores

Mariana Aranha Moreira José¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo tratar da formação de professores a partir de uma perspectiva que vai além da transmissão de conteúdos conceituais: a proposta de vivências que contemplem a dimensão de transcendência existente na arte de educar. A interdisciplinaridade ganha destaque na medida em que atribui sentido a esses conteúdos e a essas vivências, oferecendo referencial teórico e metodológico para o desenvolvimento de ações inovadoras e concretas. Aponta-se, a partir do relato de uma prática formativa, que o processo de constituir-se professor é gradativo e que ganha corpo na mesma proporção em que o docente se descobre capaz de tocar na dimensão do sentido.

Palavras-Chave: Formação de Professores. Interdisciplinaridade. Sentido.

Abstract: This article aims to address of teacher training from a perspective that goes beyond the transmission of conceptual contents: a proposed experiences that address the transcendent dimension exists in the art of education. The interdisciplinarity gains prominence in that it gives meaning to these contents and these experiences, offering theoretical and methodological reference for the development of innovative and concrete actions. It points from the report of a training practice, the process of constituting a teacher is gradual and takes shape in the same proportion in which the teacher finds himself able to touch in the dimension of meaning.

Key-Words: Teachers training. Interdisciplinarity. Meaning.

*Educador
Educa a dor da falta
a dor cognitiva
Educando a busca do conhecimento.*

*Educador
Educa a dor do limite
a dor afetiva
Educando o desejo.*

¹ Mariana Aranha Moreira José: Conselheira da Revista: Interdisciplinaridade. CV: <http://lattes.cnpq.br/1486008243996275>; E-mail: mariana-aranha@uol.com.br

*Educador
Educa a dor da frustração
a dor da perda
Educando o humano, na sua capacidade de amar.*

*Educador
Educa a dor de diferenciar-se
a dor da individuação
Educando a autonomia.*

*Educador
Educa a dor da imprevisão
a dor do incontrolável
Educando o entusiasmo da criação.
(FREIRE, M., 2008, p. 27).*

Formar professores é uma tarefa das mais exigentes, sobretudo se pensarmos que os professores são, em sua essência, formadores da condição humana. O ato de formar professores vai muito além de um currículo técnico: exige que o profissional seja formado, em sua essência, na capacidade de lidar consigo mesmo, com seus parceiros, com seus alunos – professores em formação – e com o contexto.

Quanto à necessidade de conteúdos de ordem pedagógica não há dúvidas: existe uma gama de referenciais que direcionam o que e como aprender. No entanto, há uma série de dados estatísticos que dizem que a escola não está bem. Quando digo que a escola não está bem quero dizer que os professores não estão bem, os alunos não estão bem, a direção e os funcionários não estão bem, as famílias desses alunos não estão bem e o que se ensina na escola também não está bem.

Quando um aluno ingressa no curso de Pedagogia, via de regra, sabe muito bem que a escola sofre na sua constituição, fato que se agrava quando começa a realizar o estágio supervisionado. As perguntas mais frequentes são: qual o remédio para a escola? Os professores estão doentes! Como o professor pode dar conta de todos os problemas da sala de aula? A direção não consegue resolver tudo! O que tem que ser feito?

Estas são perguntas tão reais que me remetem a um questionamento ainda mais real e complexo: qual o sentido de ser professor em uma escola tão doente?

Concordo com Cortella (2003) quando afirma que “a primeira intenção de todo o ser vivo é manter-se vivo, mas, para nós, não é suficiente a mera sobrevivência apoiada em conhecimentos sobre o mundo: é fundamental que a vida valha a pena” (p. 45). Acredito que todo professor deseja que o seu ofício possa fazer sentido: sentido para seus alunos, para a escola, para a comunidade escolar e, conseqüentemente, para si mesmo.

Frankl (1989a) afirma que o sentido é um problema² que se apresenta para o homem em determinados momentos de sua existência. Ele nasce de uma situação concreta que vivemos, que parece exigir de nós uma resposta. A escola, muitas vezes, apresenta para o professor inúmeros problemas: a precariedade de recursos, a apatia de alguns alunos, a agressividade de outros, o medo e a timidez de tantos, a violência sofrida e praticada, as doenças que parecem “pipocar” em escalas cada vez maiores, enfim, muitos “problemas” que levam o docente a se perguntar “que sentido tenho aqui?” Para Frankl (1989a), nós possuímos uma necessidade de investigar as causas e os propósitos das situações que enfrentamos durante a vida, sejam elas confortáveis, saudáveis, ou não.

O problema do sentido da vida quer se apresente quer não expressamente, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano. Por conseguinte, o pôr-se em questão o sentido da vida não pode ser nunca, de per si, expressão do que porventura o homem tenha de doentio, é antes e sem mais, para falarmos com propriedade, expressão do ser humano – expressão precisamente do que há de mais humano no homem (FRANKL, 1989a, p. 56).

Questionar-se sobre o sentido representa uma atitude de quem deseja transformar-se e transformar a situação, buscar uma outra alternativa, possível e real. Seria possível, então, que os cursos de formação de professores cuidassem que seus alunos (docentes em formação) se descobrissem enquanto pessoa e, descobrindo-se, estivessem abertos às oportunidades de realização de sentido em suas salas de aula e em suas vidas?

No ano de 2010 trabalhei como professora do 4º semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba, na disciplina “Fundamentos e Metodologia da Alfabetização”. Arelada ao currículo prescrito do programa do curso, verifiquei que era possível uma vivência a partir do tema “Letramento”, proposto para aquele momento.

A partir do trabalho com um dos conteúdos específicos da disciplina - O Letramento – elaborei uma proposta de vivência com as alunas, fundamentada na sensibilidade intuitiva que as atividades artísticas podem despertar nas pessoas que se deixam por elas se envolverem. Esta vivência se realizou antes mesmo da discussão sobre as características conceituais atribuídas ao termo Letramento.

Acredito que toda oportunidade que a escola oferece de aprendizagem conceitual também é uma oportunidade de aprendizagem de vida. É fundamental que o professor em formação se conheça cada vez mais à medida que se aprofunda no conhecimento teórico, sobretudo porque, ao

² Problema aqui tem o significado de “questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento” (FERREIRA, 1988, p. 530). Significa, também, “qualquer situação que inclua a possibilidade de uma alternativa. O problema não tem necessariamente caráter subjetivo, não é redutível à dúvida, embora em certo sentido, a dúvida também seja um problema. Trata-se mais do caráter de uma situação que não tem um significado único ou que inclui alternativas de qualquer espécie” (ABBAGNANO, 2003, p. 796).

entrar em sala de aula como professor titular vai precisar exercitar constantemente seu olhar formativo sobre si mesmo e sobre seus alunos.

A oportunidade de exercitar uma vivência com as alunas a partir do conteúdo vivido era demasiado importante para permitir que cada uma trouxesse à consciência aspectos importantes de sua história, suas derrotas e suas vitórias, de forma a contribuir com o seu próprio processo formativo. Isso porque só conseguimos compreender alguns vestígios (FAZENDA, 2001) daquilo que realmente os alunos estão pensando, uma vez que há uma infinidade de relações que, estabelecidas por eles, permanecem consigo mesmos.

A Interdisciplinaridade de Fazenda (1991, 1996, 2003, 2008) oferece subsídios conceituais e ontológicos para refletirmos sobre as possibilidades de intervenção em sala de aula. Possibilidades essas que nos apontam caminhos, jamais nos oferecem receitas; mesmo porque as receitas tendem a nos engessar e, quando lidamos com a formação de seres humanos, o maior risco – e a maior tragédia – estão no engessamento das ações.

A descrição dessa prática tem por objetivo compartilhar uma ação possível e transformadora com uma turma de professores em processo de formação. Possível porque foi – de fato – realizada e transformadora porque todos os que dela participaram (inclusive eu, professora), saíram diferentes de quando do seu início, engrandecidos pela riqueza das colocações, dos traços, das cores e dos olhares.

Inicialmente, a atividade foi pensada a partir da observação de que algumas alunas tem uma certa dificuldade em compreender o real significado atribuído ao termo Letramento. Isto ocorre porque suas memórias relativas à alfabetização frequentemente demonstram que as atividades de leitura por elas vivenciadas enquanto crianças e adolescentes na escola se davam, apenas, como objeto de cobrança de desempenho durante a realização das provas ou durante o preenchimento de extensas fichas, tradicionalmente organizadas em formato de questionário. Através desta estratégia, procurei, em primeiro lugar, despertar-lhes a compreensão de Letramento como uma capacidade presente além do ato da simples leitura de textos: ele está presente na leitura através de suas entrelinhas, ou seja, na descoberta do universo “mágico” da leitura e da escrita. Com este despertar, as alunas conseguiriam compreender a necessidade da atribuição de bons textos aos alunos e, com isso, proporcionar-lhes situações de leitura mais significativas.

Em segundo lugar, procurei oferecer a oportunidade do resgate, por parte das alunas, da vivência de situações agradáveis relacionadas a leitura. Este “relembrar as vivências” contribuiria de forma significativa ao processo de utilização de suas memórias pessoais em benefício do seu próprio processo de formação profissional, além de possibilitar-lhes a experiência de, quem sabe, realizar valores vivenciais. Por isso, durante a aula anterior solicitei que trouxessem à sala de aula telas de pintura, tinta e pincéis.

No dia combinado, as alunas dispuseram todo o material em mesas maiores, retiraram suas cadeiras e nos acomodamos todos em um grupo em formato de roda. Solicitei-lhes, então, para que fechassem os olhos, a fim de se concentrarem na atividade que seria proposta, desligando-se de toda interferência do ambiente externo. Aquele momento deveria ser único e exclusivo para elas e, por isso, deveriam se entregar à imaginação e deixar vir à tona (ou à consciência) as experiências lembradas a partir daquilo que fossem ouvindo durante a leitura. O objetivo principal neste momento era a lembrança, por parte das alunas, de experiências causadoras de grande impacto emocional, ou seja, momentos que tenham realmente valido a pena. Respirando fundo, li o seguinte poema em voz alta:

O que é Letramento?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo o que você pode ser. (SOARES, 2006, p.41)

Após a leitura, solicitei às alunas que mantivessem os olhos fechados e fixassem sua atenção na imagem (ou na lembrança) que mais havia lhes

chamado a atenção. Também pedi que tentassem buscar outros elementos que fizeram parte destas lembranças: as cores, os cheiros, os sons, as sensações... Após alguns breves minutos, pedi que abrissem os olhos novamente e que se dirigissem às suas mesas. Ao olharem para as telas em branco, deveriam tentar reproduzir sua lembrança mais significativa: experiências com cartas, bilhetes, com leituras no quarto, na sala ou no quintal, sozinhas ou com alguém. A maioria das alunas iniciou o trabalho em silêncio, assim permanecendo até o término da atividade. Somente ao final da aula pedi que socializassem o que haviam feito. Por tudo aquilo que foi dito entre as colegas através da exposição de seus trabalhos, verifiquei que as alunas, de um modo geral, demonstraram a compreensão da noção envolvida no conceito de Letramento, o que realmente foi o meu principal objetivo para aquela aula. No entanto, muitas delas deixaram transparecer que a atividade lhes proporcionou trazer ao presente experiências altamente significativas, através das quais puderam experimentar o que Frankl (1989a) denominou de valores vivenciais. Selecionei cinco pinturas que retrataram de forma mais fidedigna a realização desta categoria de valores, bem como a interpretação do significado de suas expressões.

A primeira aluna afirmou que suas lembranças foram ativadas ao ouvir que letramento “é viajar para países desconhecidos, sem deixar sua cama” (SOARES, 2006, p. 41). Sua infância e adolescência foram marcadas pela leitura de vários livros, as quais eram realizadas, quase sempre, em seu quarto, sobre sua cama. Por isso resolveu pintar a figura de um menino deitado sobre sua cama, onde realiza a leitura de um livro. À medida que o garoto percorre suas páginas, sua imaginação realiza uma verdadeira viagem rumo às paisagens contidas em suas histórias, como montanhas, vales e colinas habitadas por dinossauros, por exemplo, as quais estão representadas na parte superior da figura. Este menino, que a representa, pode viajar para muitos lugares, descobrir outros universos e outras realidades em qualquer tempo, sem sair do lugar.

A segunda aluna, ao ouvir que Letramento “é uma receita de biscoito / uma lista de compras, recados colados na geladeira, um bilhete de amor / telegrama de parabéns e cartas / de velhos amigos” (SOARES, 2006, p. 41), referiu ao grupo que imediatamente foi acometida pela lembrança do período em que era adolescente. Segundo ela, passava tardes inteiras sentada ao redor da mesa da cozinha escrevendo cartas para suas amigas. Nelas estavam contidos os seus segredos, suas paixões e algumas de suas confissões mais íntimas. Afirmou ainda que neste período também tinha o hábito de escrever as letras das músicas que mais gostava, e em seguida as anexava às cartas. A moldura vermelha e dourada, representação dos enfeites que suas cartas traziam; as notas musicais, representação da importância atribuída à reescrita de suas canções favoritas; e uma carta, símbolo das boas lembranças de sua juventude, de seus amores.

A terceira aluna desejou compartilhar com as colegas uma experiência que, originária de um grande sofrimento, a fez amadurecer precocemente, conforme ela mesma relatou ao grupo. Contou-lhes que, aos doze anos, presenciou a doença de seu pai e um grave acidente de moto sofrido por seu irmão. Com

isso sua vida mudou completamente. De uma criança distante de qualquer responsabilidade, passou repentinamente ao mundo cheio de responsabilidades dos adultos. Ajudar sua mãe, tanto nos afazeres domésticos quanto nos cuidados com o pai e o irmão debilitados, passou a ser uma desgastante rotina em sua vida de pré-adolescente. Como somente o pai trabalhava na época, logo a família se viu enfrentando, também, graves problemas financeiros, o que agravou ainda mais o sofrimento da família.

Ao ouvir o trecho do poema que define Letramento como “um mapa de quem você é, / e de tudo o que você pode ser” (SOARES, 2006, p. 41), a aluna lembrou-se dos dias de angústia ao presenciar o sofrimento enfrentado pela família, ao mesmo tempo em que não mais poderia usufruir de uma rotina parecida com a das crianças de sua idade. Nessas horas de grande sofrimento, sua mãe sempre lhe dizia que era preciso rezar, pois Deus jamais a abandonaria, e logo tudo iria voltar ao normal.

Para representar a sua fala, a aluna pintou a imagem de uma nuvem negra, símbolo de seu sofrimento, sobre um fundo verde, representativo dos preciosos conselhos de sua mãe. Ao lado desta nuvem há a presença de uma nuvem azul sobre a figura de um anjo. Para ela, este anjo simbolizava a presença de Deus, tantas vezes mencionado por sua mãe. De acordo com a aluna, Deus estava presente ao seu lado em todos os momentos, principalmente naqueles em que estava sozinha em seu quarto e, deitada sobre a cama, fazia a leitura do Salmo 22 da Bíblia: “O Senhor é meu Pastor, nada me faltará” (Sl 22, 1). Ao se debruçar sobre a leitura deste trecho bíblico, sentia uma paz profunda, pois era o momento no qual podia se distanciar, ao menos um pouco, da realidade sofrida de sua família. De acordo com seu depoimento, lembrar hoje estes momentos a faz sentir o cheiro de seu quarto, lugar de leitura e, principalmente, de conforto espiritual devido a esta experiência transcendente que, em sua ingenuidade de criança, acalmava o seu sofrimento.

A quarta aluna relatou ao grupo que suas memórias vieram “à tona” ao ouvir o trecho “Letramento é diversão / é leitura à luz de vela / ou lá fora, à luz do sol” (SOARES, 2006, p. 41). Disse que, imediatamente, trouxe à lembrança a figura de sua mãe, a qual, mesmo analfabeta, “estudou” os oito filhos. Para ela, a lembrança de sua mãe incentivando a ela e a todos os seus irmãos ao hábito da leitura a transportaram, novamente, àquela época. Segundo a aluna, sua lembrança mais bonita está em avaliar o esforço da mãe na tentativa de ler o mundo aos seus filhos. Confessou também que, na época, não teve esta percepção, mas agora, ao saber que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, P. 1997), passou a dar o devido valor a todo o esforço de sua mãe, a qual, em sua simplicidade, não se furtou à responsabilidade de fazer com que seus filhos tivessem acesso ao universo letrado, o que ela própria não teve na idade deles. Por este motivo decidiu por representar, através de sua pintura, as duas mãos de sua mãe, as quais se unem e formam a imagem de um coração. Dentro deste coração estão presentes alguns pontinhos azuis, representativos de sua figura e da figura de seus irmãos, a quem o carinho das mãos maternas tratou de cuidar durante anos.

Por fim, a quinta aluna disse ter se emocionado com a afirmativa segundo a qual “Letramento é, sobretudo, / um mapa do coração do homem” (SOARES, 2006, p. 41). Segundo ela, ao ouvir este trecho, houve o desencadeamento de uma série de lembranças sobre sua adolescência e, com isso, pôde identificar com grande emoção os muitos momentos de tristeza e felicidade presentes nesta etapa de sua vida.

A aluna procurou retratar suas experiências através de um grande coração, presente no centro da imagem que contém dois lados: um deles é simbolizado pela cor azul, representativo das leituras tristes, como a leitura de algumas cartas através das quais brigava com suas amigas; e outro é simbolizado pela cor branca, representativa dos momentos felizes, como a leitura de livros no quintal de casa, a escrita das letras de suas músicas preferidas e as trocas de bilhetes de amor. Fora do coração também estão representadas algumas experiências agradáveis, como a elaboração de um caderno de recordações, no qual cada amiga lhe deixou uma mensagem; o seu caderno de rascunhos, que usava para escrever suas cartas; e a imagem de uma máscara de teatro, representativa dos momentos de leitura de suas revistas preferidas.

Percebe-se, a partir do relato desta experiência com as alunas do curso de Pedagogia, que determinadas propostas didáticas podem permitir que os alunos realizem valores e, fazendo-o, descubram que a vida tem sentido, sobretudo a partir daquele instante. Frankl (1989) chama esses valores de vivenciais, pois se realizam através das experiências subjetivas do homem, ou seja, quando abre o seu espírito para acolher o mundo, e quando entrega os seus sentimentos à beleza da natureza e da arte.

Imagine-se que um homem, amante da música, está sentado na sala de concertos e que, precisamente no instante em que lhe soam aos ouvidos os compassos mais tocantes da sua sinfonia predileta, sente aquela forte comoção que só se experimenta perante a beleza mais pura. Suponha-se agora que, nesse momento, alguém lhe pergunta se a sua vida tem um sentido; a pessoa assim interrogada não poderá deixar de responder que valeria a pena viver, mesmo que fosse só para experimentar a vivência desse doce instante. Com efeito, embora se trate de um só momento, pela grandeza de um momento já se pode medir a grandeza de uma vida (FRANKL, 1989, p. 82).

Concordo que, neste caso, sua realização é mais complexa e imprevisível, pois envolve dimensões subjetivas inerentes ao universo existencial de cada indivíduo. No entanto, cabe ao educador decidir pelas melhores estratégias que possam contribuir com a formação do caráter de seus alunos, o que já seria um grande passo no caminho para a realização deste tipo de valor.

Freire (2008) afirma que uma das características necessárias ao educador é o ato de manter-se vivo através do experimento da vida e da capacidade de proporcionar situações através das quais os alunos também possam fazê-lo. Estas características podem ser comparadas à capacidade de experimentar, em várias situações, os valores vivenciais, pois para a autora:

Estar vivo é assumir a educação do sonho no cotidiano.
Para permanecer vivo, educando a paixão, os desejos de vida e de morte, é preciso educar o medo e a coragem.
Medo e coragem em ousar.
Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente.
Medo e coragem em romper com o velho.
Medo e coragem em construir o novo.
Medo e coragem em assumir a educação desse drama, cujos personagens são nossos desejos de vida e morte.
Educar a paixão (de morte e de vida) é lidar com esses dois ingredientes cotidianamente através da nossa capacidade, força vital (que todo ser humano possui, uns mais, outros menos, em alguns anestesiada) de desejar, sonhar, imaginar e criar.
Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos, imaginamos e criamos na busca permanente da alegria, da esperança, do fortalecimento da liberdade, de uma sociedade mais justa, da felicidade a que todos temos direito (FREIRE, M., 2008, p. 34).

Da mesma forma, é possível afirmar que aqueles que trabalham com educação podem se dispor a olhar mais atentamente sobre as experiências que a vida lhes apresenta, desde as mais simples até as mais complexas. É uma nova postura, mais exigente, ao mesmo tempo que mais leve, frente aos desafios cotidianos e às responsabilidades que estes lhes exigem. Aos que se dispuserem ao mergulho neste universo há de se frisar que estarão suscetíveis a realização dos valores vivenciais e, mais do que isto, estarão aptos a permitir que, por meio de sua criação, outros também o façam, sejam eles seus alunos, seus colegas ou a própria comunidade escolar.

Esta atitude possibilita ao professor o encontro do sentido em suas ações, ao mesmo tempo em que consegue despertar no outro a busca pelo sentido. Como afirma Frankl (1989a), é através de um pequeno estímulo que ambos podem descobrir o sentido de suas vidas e – por que, não? – do caminho para a cura de si mesmos, de seus alunos, de seus parceiros e da própria escola.

Pensar nos cursos de formação de professores a partir de vivências com sentido é estabelecer mecanismos complexos – ao mesmo tempo que simples – para que os educadores se decidam pelo caminho que os leva ao autoconhecimento, à excelência técnica, à transformação dos ambientes e das pessoas: um caminho para a cura.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

A BÍBLIA SAGRADA. Edições Ave-Maria, 1998.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas/SP: Papyrus, 1996.

_____. (Org.). **Práticas Interdisciplinares na escola**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. (Org.). **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

_____. (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. 3 ed. São Paulo: Quadrante, 1989.

_____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida/SP: Santuário, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, M. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte, 2006.